

ENSAIO

A CONSTRUÇÃO DE SI: UMA NARRATIVA EM TORNO DA EXPERIÊNCIA DA AIDS

Dilene Raimundo. do Nascimento*

*No horizonte da morte todos se nivelam
na busca do amor*

Eu começo um novo livro para ter um companheiro, um interlocutor, alguém com quem comer e dormir, junto do qual sonhar e ter pesadelos, o único amigo suportável no momento. Meu livro, meu tão rigoroso em sua origem e premeditação, já começou a me levar para onde quer, embora aparentemente seja eu o mestre absoluto nessa navegação sem instrumentos¹.

Assim Hervé Guibert² define o caráter do texto, cujo objeto central é sua própria personalidade, na cena agônica de sua experiência como aidético.

Neste fragmento, podemos ler uma espécie de resumo programático do que seja propriamente a arte de narrar-se. O autor, sujeito e objeto da narrativa, mostra-se consciente da independência característica de seu texto, na medida em que mesmo na condição de tema a ser nele trabalhado, não detém o poder de lhe ditar os rumos da “navegação”.

*. Pesquisadora da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz; doutoranda em História na Universidade Federal Fluminense.

¹. GUIBERT, Hervé. **Para o amigo que não me salvou a vida**. Trad. Mariza Campos da Paz. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995. p. 10.

². Hervé Guibert nasceu em Paris, em 1955. Autor de várias obras literárias, sendo **Para o amigo que não me salvou a vida** o primeiro de uma série de quatro livros escritos, a partir do momento em que nele se manifestou a Aids. Morreu em 27 de dezembro de 1991, aos 36 anos.

Na verdade, o autor reconhece de seu apenas a “origem e premeditação” da narrativa; todo o resto, sem lhe ser absolutamente estranho, ao contrário, emergindo mesmo da pré-condição de se fazer personagem, independará de sua vontade racional de testemunhar o mais veridicamente sobre sua existência.

Temos, portanto, em mente que a narrativa de Hervé é efetivamente um texto autobiográfico, pois que se mostra como construção “centrada no sujeito que a cria, simultaneamente ponto de partida e objeto do texto”³. Por outro lado, o que caracteriza esta forma narrativa “é a identidade entre narrador e autor”⁴, isto é, a identidade entre o indivíduo que conscientemente deseja falar de si e que para tal assume uma voz específica.

O indivíduo que se propõe narrar-se definimo-lo aqui como um “valor”, ou seja, indivíduo pensado enquanto interioridade, à diferença do indivíduo “fato”, “ser moral autônomo, signatário do contrato social”⁵. O indivíduo-narrador nasce do autor na medida em que este último, concebido como “único e singular”, reafirmará sua unidade através da experiência de vida relatada.

Mas a identidade entre autor e narrador se desdobra e se completa na identidade dos dois primeiros com um último elemento imprescindível a uma autobiografia: a personagem. Ainda de acordo com Verena Alberti,

A identidade entre autor, narrador e personagem é condição *sine qua non* de uma autobiografia, consubstanciada no pacto autobiográfico: a identidade entre o nome exposto na capa e na folha de rosto (um nome que equivale a uma assinatura) e o nome que o narrador se dá como personagem principal, acrescida, na maioria das vezes, da indicação na capa, na folha de rosto, nas orelhas e na contracapa de que se trata de uma autobiografia.⁶

Entretanto, a identidade entre esses três elementos, tão característica da narrativa autobiográfica, não se realiza de modo linear e automático. Entre autor e narrador temos a identidade fundada no fato inegável de ser o primeiro aquele que concretamente escreve sua história.

³. ALBERTI, Verena. “Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa”. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, 1991. Vol. 4, nº. 7, p. 66-81 e p. 73

⁴. Idem, p. 75.

⁵. Idem, p. 70.

⁶. Idem, p. 75.

No caso da identidade entre autor e personagem, sua afirmação assume contornos mais complexos, pois que embora o autor-narrador esteja falando de si mesmo, há de se levar em conta a distância temporal que separa a decisão e o ato de narrar do narrado. Desse modo, em vez de termos propriamente identidade entre autor-narrador e personagem, teríamos na verdade uma relação de semelhança.

Assim, quando o autor-narrador Hervé Guibert diz que:

Percebo a arquitetura desse novo livro que retive em mim todas essas últimas semanas, mas ignoro completamente o seu desenrolar, posso imaginar vários finais para ele, todos no entanto no terreno da premonição ou da vontade, mas o conjunto da sua verdade ainda me é oculto...⁷,

esclarece-se para nós que a identidade entre autor e narrador deve estar fundada na máxima expansão de uma individualidade que se concentra, que se ausculta, que busca se perceber nos mais variados momentos vividos, sem jamais se dispersar. Por outro lado, esta fixação do indivíduo não há de corresponder pontualmente, enquanto substrato da representação de si, ao eu real, pois que este, transformado pelos efeitos da memória, ou quase irreconhecível na névoa fina do esquecimento, de si oferecerá ao autor-narrador não mais que o sentido profundo (“conjunto de sua verdade”) encompassador de toda narração.

A construção autobiográfica

Na autobiografia, o sujeito narrador ocupa a cena, isto é, fatos e personagens do passado ganham sentido na medida em que se apresentem como elementos relevantes na reconstrução da vida pregressa do sujeito. Ele se mostra apenas incidentalmente preocupado com a reflexão sobre os períodos vividos ao longo de sua trajetória. O sujeito narrador submete todo o passado ao crivo de sua própria existência, elegendo do rico universo das coisas pregressas, unicamente, aquilo que se relacionou com a produção de sua personalidade. O passado não dialoga com o presente, antes, a reconstrução do passado vivido tem por pura finalidade a explicação do presente ou a conformação de uma imagem.

Hervé está tratando a doença pelo viés da sua interioridade, portanto esta narrativa não é fatural, ela é valorativa, subjetiva e a narração valorativa se constrói a partir das condições de memória.

⁷. GUIBERT, *op. cit.*, p. 10.

Referindo-se a Maurice Halbwachs, Pollak diz que este último,

Nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes⁸.

Halbwachs ainda, na análise de Myriam Barros,

Ao pretender expor o caráter social da reconstrução das lembranças, acaba realçando o aspecto individual da memória, que encerra um sentimento próprio e particular. Sua existência tem um caráter único, decorrente de sua posição espacial e temporal e que apenas um único e determinado indivíduo possui em sua biografia⁹.

Desse modo, segundo Pollak, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva, são acontecimentos, personagens e lugares que podem estar empiricamente fundados em fatos concretos mas podem também ser projeções de outros eventos. Além disso, a memória sofre flutuações em função das preocupações no momento em que ela se articula, em que ela se expressa. Essas preocupações constituem o elemento de estruturação da memória. E talvez resida nisso o motivo para a memória ser seletiva, pois ela não grava tudo, não registra tudo - ela opera um tudo.

Como um dos elementos definidores da memória, a seletividade mostra que ela é um fenômeno construído, ou seja, reconstrói-se o passado no contexto psicológico do presente e a partir de nossas representações atuais. Desse modo, só se torna possível reviver o passado, recuperando-se as impressões e os sentimentos experimentados no fluxo do tempo vivido - mas esse fluxo do tempo vivido é ele mesmo um efeito de memória.

Myriam Barros, na sua leitura de Halbwachs, diz que

No ato de lembrar nos servimos de campos de significados - os quadros sociais - que nos servem de pontos de referência. As noções de tempo e espaço, estruturantes dos quadros sociais da memória, são fundamentais

⁸. POLLAK, Michael. "Memória e Identidade Social". In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, 1992. Vol. 5, nº. 10. p. 200-215.

⁹. BARROS, Myriam Moraes Lins de. "Memória e Família". In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, 1989. Vol. 2, nº. 3. p. 29-42 e p. 31.

para a rememoração do passado na medida em que as localizações espacial e temporal das lembranças são a essência da memória¹⁰.

O eu e o outro

A autobiografia, segundo Roy Pascal, refere-se à reconstrução de uma vida ou apenas parte dela nos termos do presente em que um ponto de vista se situa. O eu torna-se o centro, “não o mundo externo, embora necessariamente o mundo externo deva aparecer de tal modo que, no intercâmbio com ele, a personalidade encontre sua forma peculiar¹¹.”

Como uma re-interpretação de uma história pessoal, a autobiografia é uma narrativa que surge com a moderna história do Ocidente e seu respectivo corolário: o eu moderno¹², entidade densamente interiorizada, capaz de reivindicar um espaço privado, tendo como um de seus direitos fundamentais a liberdade de optar e escolher.

Gilberto Velho¹³, partindo do pressuposto que o indivíduo tem uma dimensão culturalmente construída, que é acrescentada ao agente empírico, diz que

A existência de projetos individuais está vinculada a como, em contextos sócio-culturais específicos, lida-se com a ambigüidade fragmentação-totalização”. Dessa forma, o projeto individual nunca é “puro”, mas existe referido ao outro ao social.¹⁴

Tomando Bernstein como referência¹⁵, Gilberto Velho ressalta a

Forte variação quanto à ênfase e preocupação que é dedicada às peculiaridades, gostos, preferências, traços particulares dos agentes empíricos.

¹⁰. Idem, p. 30.

¹¹. PASCAL, Roy. “Design and Truth”. In: **Autobiografie**. Cambridge: Harvard University Press, 1960.

¹². Mauss é um dos autores que discute a construção social da pessoa moderna: “quem sabe mesmo se esta categoria [a da pessoa] que todos nós, aqui, julgamos fundamentada, há de ser sempre reconhecida como tal? Ela foi formada por nós, entre nós”. Ver MAUSS, M. “Une catégorie de l’esprit humain la notion de personne, celle de moi”. **Sociologie et Anthropologie**. Paris: PUF, 1973.

¹³. VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

¹⁴. Idem, p. 26.

¹⁵. BERNSTEIN, Basil. “Theoretical studies towards a sociology of language”. In: **Class, Codes and Control**. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1971. Vol. 1

Isso se associa não só a uma visão de mundo em que a noção de biografia é central, com uma concepção de tempo bastante definida, mas também a um ethos, um estilo de vida, uma organização das emoções em que a experiência do agente empírico sacralizada como individual é foco e referência básica.¹⁶

De todo modo, o projeto não é constituído exclusivamente pelo subjetivo: “formula-se e é elaborado dentro de um campo de possibilidades, circunscrito histórica e culturalmente, tanto em termos da própria noção de indivíduo como dos temas, prioridades e paradigmas culturais existentes”¹⁷.

E é nesse campo de possibilidades que se estabelece a rede de relações sociais, cujos papéis independem da configuração de grupos ou classes sociais. Modelam-se como grupos de referência, aos quais os indivíduos se incorporam a partir de interesses comuns e sua “estabilidade e continuidade dependerão de sua capacidade de estabelecer uma definição de realidade convincente, coerente e gratificante, isto é, de sua eficácia simbólica e política propriamente dita”¹⁸.

Pollak reforça essa posição ao estudar os homossexuais e a AIDS¹⁹. Defendendo que, se o indivíduo no processo de construção de sua nova identidade de doente, depara-se com a impossibilidade de estabelecer uma relação coerente entre a imagem que tem de si mesmo e aquela percebida pelos outros, volta-se para si mesmo e, nessa situação bloqueada, a uma tentativa de suicídio. É fundamental, para a estabilidade e o equilíbrio de uma pessoa nesse processo, existir coincidência entre a imagem que ela tem de si e a que dela tem o outro. Neste sentido, falar de AIDS implica em pensar o indivíduo frente à solidão da morte e suas estratégias na busca de uma nova identidade.

Hervé exemplifica claramente essa afirmação de Pollak ao dizer que

Gostaria de ter a força, o orgulho insensato, inclusive a generosidade de não contá-lo a ninguém, para deixar as amigas viverem livres como o ar, e descuidadas e eternas. Mas o que fazer quando se está esgotado, quando a doença chega a ameaçar a própria amizade?... tinha querido

¹⁶. VELHO, *op. cit.*, p. 26.

¹⁷. *Idem*, p. 27.

¹⁸. *Idem*, p. 33.

¹⁹. POLLAK, Michael. **Os Homossexuais e a Aids: sociologia de uma epidemia**. Trad. Paula Rosas. São Paulo: Estação Liberdade, 1990.

não dizê-lo a Edwige, mas senti desde o primeiro almoço de silêncio e de mentira, que isso a distanciava terrivelmente de mim e, se não tomássemos de imediato o caminho da verdade, logo se tornaria irremediavelmente tarde demais, assim eu lhe contei para continuar fiel.²⁰

A representação do Hervé aidético é produto do sentimento de estar aidético e esse sentimento agora é parte de sua identidade, por isso Hervé prossegue afirmando que tem “a impressão de só ter relações interessante com as pessoas que sabem, tudo se tornou nulo e desmoronou, sem valor e sem sabor, em volta dessa notícia, onde ela não é tratada no dia-a-dia pela amizade...”²¹.

A identidade como sentimento

Mas esta identidade enquanto doente real não nos autoriza a pensar que este doente que escreve, que narra sua trajetória, seja o mesmo que aparece como “herói” da narrativa. A questão que se coloca, então, é a de se pensar a distância e, paradoxalmente, a proximidade entre autor-narrador e personagem, no âmbito de um gênero que está, por definição, “centrado no sujeito que a cria, simultaneamente [seu] ponto de partida e [seu] objeto(...)”²².

Assim, o autor-narrador é aquele que, ao contrário dos profissionais da saúde, dos pesquisadores, constrói para si uma imagem da doença a partir da experiência da própria condição de doente. Esta condição, bem entendido, implica em sentir medo, em sofrer, em ser tomado por um “sentimento de urgência”, de resto inteiramente desconhecido pelos outros. O doente é aquele que vivencia a inexorabilidade de seu mal, mais do que isso, no caso do aidético, é aquele que experimenta a sensação de assumir pouco a pouco a imagem da doença.

Por outro lado, o caráter lento de seu desenvolvimento faz da AIDS uma oportunidade especial de se construir em nível subjetivo um “tempo de morrer”, tempo este que confere à própria morte um “tempo de viver”. Como diz Hervé explicitamente, a AIDS agencia “o tempo de descobrir o tempo e de descobrir enfim a vida...”²³.

²⁰. GUIBERT, *op. cit.*, p. 12.

²¹. *Idem*, p. 12.

²². ALBERTI, *op. cit.*, p. 73.

²³. GUIBERT, *op. cit.*, p. 100.

Como o próprio autor conclui acerca desta aprendizagem da espessura temporal, estamos diante de “uma genial invenção moderna”. Ora, esta invenção genial só existe para outra não menos genial invenção: o homem moderno. Como já tivemos oportunidade de observar anteriormente, este homem se constitui simultaneamente enquanto fato e valor. É este indivíduo quem toma a decisão de escrever sua história a partir de sua vivência.

Mas, o que ele escreve, por se referir especificamente àquilo que é intransferível, isto é, sua vivência subjetiva, valorativa, não pode ser lido objetivamente. O que queremos dizer é que a narrativa autobiográfica se elabora a partir da singularidade da experiência individual e, portanto, não pode ser tomada enquanto construção abstrata passível de ser instrumentalizada na observação de fatos sociais. Contudo, esta narrativa nasce de uma dimensão interior pressuposta em todos os indivíduos, realizando-se, por isso, enquanto forma de comunicação entre individualidades. Modalidade discursiva, a narrativa autobiográfica busca reconstituir uma experiência de vida, ou, pelo menos, aquela parte da experiência do próprio autor que lhe faça sentido.

Discutindo a distinção benjaminiana entre narração e romance, Verena conclui que “a autobiografia, ‘nascida’ e legitimada no contexto da modernidade, atualiza uma modalidade discursiva, que, (...), estaria retrocedendo para o ‘arcaico’²⁴. Esta modalidade, que é a narração, assumiria a função de dizer o “‘indivíduo’ em sua dimensão única e autônoma”. Está claro que esta dimensão nascida com a modernidade extrapola “o ponto de vista da comunidade”, e é por isso que sua construção, bem como sua possibilidade de leitura, não admite uma abordagem do tipo objetiva.

Entretanto, é por se fundar nessa dimensão individual que esta forma discursiva exerce um enorme poder de atração sobre todos aqueles que buscam tomar notícia exemplar dos processos interiores de quem narra sua história individual, a partir de algum nível de interesse, que pode ir da pura curiosidade intelectual até ao nível da identificação pessoal. A “notícia exemplar” buscada na narrativa autobiográfica deve ser entendida como efeito da construção de uma imagem do eu narrado a partir da máxima exploração dos processos vividos por este eu, a ponto de se obter o máximo de significação.

²⁴. ALBERTI, *op. cit.*, p. 73.

As experiências narradas autobiograficamente não visam, assim, uma mera reduplicação do real e, sim, configurar um quadro de significação que explicita a contundência dos processos interiores, sendo por isso que não podemos ver uma relação de identidade entre autor-narrador e personagem.

Quando Hervé diz que: “O livro luta contra a fadiga que se cria na luta do corpo contra os ataques do vírus”²⁵, lemos nessa sua afirmativa o próprio sentido que o move à narrativa, que não é outro senão o de trabalhar às últimas conseqüências as formas assumidas pela interioridade na sua luta inglória contra a doença. Interessa-o menos falar da doença do que dos movimentos interiores que sua experiência enseja. A doença, tomada como mero objeto de conhecimento científico, só tem interesse para os pesquisadores, os

Bons pais de família, [que] nunca estão em contato com os doentes (...), que se perdem em protocolos que nunca estão no ponto e em autorizações que levam anos para chegar, enquanto as pessoas morrem ali do lado, quando poderiam ter sido salvas.²⁶

Identidade e Confissão

A doença, enfim, é aquilo que enseja uma dupla confissão: a primeira se dá pelo extravasamento da interioridade socialmente condenada na exterioridade do corpo:

Assim que detectamos a presença do outro [outro doente em meio a pessoas consideradas sãs], alguma coisa desmorona em nós, somos virtualmente desmascarados e denunciados, somos o veneno que se esconde na multidão, um pequeno sinal a mais é tatuado nas nossas testas.²⁷

A segunda se consubstancia na própria narrativa autobiográfica, onde se busca exorcizar o acúmulo desordenado de sentimentos e projeções interiores detonados pela certeza da dupla condenação (física e social) acarretada pela doença:

²⁵. GUIBERT, *op. cit.*, p. 40.

²⁶. *Idem*, p. 128.

²⁷. *Idem*, p. 129.

Porque nós somos pessoas que realizamos o que se chama uma obra, e porque a obra é o exorcismo da impotência. Ao mesmo tempo, a doença inelutável é o cúmulo da impotência.²⁸

A autobiografia, forma moderna de confissão do homem²⁹, esta criação da modernidade, podemos defini-la conclusivamente como o tipo de discurso que veicula os processos interiores, partindo-se do princípio de que a compreensão e a identificação escritor-leitor se dará primeiramente pelo fato de ambos se constituírem enquanto interioridades. A narrativa autobiográfica procura explicar o mundo, ordenando-o de acordo com os critérios ditados pela subjetividade. Nesta medida, a verdade do texto autobiográfico não estará no rigor que possa haver na exposição e descrição dos fatos. A verdade emergirá a partir de um jogo intersubjetivo de afinidades, jogo no qual a habilidade do autor em selecionar momentos significativos é colocada à prova.

Se como quer Alberti, citando Lévi-Strauss, a narrativa autobiográfica representa uma manifestação do pensamento “mítico” (“sabe-se bem que todo mito é uma procura do tempo perdido”), sua função reside em ser a forma encontrada pelo homem moderno de comunicar ao outro o que possa haver de comum em nível de vivência no mundo.

O que há de mover o homem ao ato de narrar-se deve provavelmente corresponder ao que Hervé Guibert coloca como estímulo ao rompimento de seu silêncio interior: saber-se doente a tal ponto que silenciar seria “odioso e incômodo”. Afinal, reside nesta vontade de falar, neste esforço de comunicação com o outro a única possibilidade de, sem incorrer na mera e vã reduplicação do real, tentar conferir sentido à vida.

Este sentido se constrói pela reelaboração da identidade expressa no texto, ou como quer o autor: “reapareceríamos sem testemunhos do outro lado do muro, no quintal, sem bagagem, sem nada nas mãos, sem nome, tendo que inventar uma nova identidade”³⁰.

Revista de História Regional 3(2) 157-166, Inverno 1998

²⁸. Idem, p. 134.

²⁹. O gênero autobiográfico nasce com **As Confissões** de Jean Jacques Rousseau que é o fundador da concepção de homem na sua dupla manifestação: indivíduo dotado de espessura interior e signatário do contrato social.

³⁰. GUIBERT, *op. cit.*, p. 16.